

Martin Parr

Na minha carreira, o que se procura o tempo todo é uma obra com uma mensagem muito mais complexa que está atrelada a isso. Dar sentido ao mundo, coletar imagens e fazer delas declarações na forma de um livro ou uma exibição.

O melhor conselho é achar o tema certo, se envolver com isso. E se for algo muito interessante e apaixonante e você sentir algo forte por aquilo, aí você terá um bom trabalho aparecendo.

Christine Spengler

Nunca usei capacete na minha vida, nem colete à prova de bala. Como Robert Capa, eu sempre rejeitei o sensacionalismo. O sangue, os corpos esquartejados.

Max Pam

Eu acho que 95% do tempo, o mundo é um lugar muito apreciável e lindo. Cheio de pessoas maravilhosas que não estão interessadas em atirar umas nas outras ou cortar a cabeça de alguém na tv.

Arno Rafael Minkkinen

A razão pela qual eu quis me tornar um fotógrafo foi porque eu havia escrito uma frase que dizia: "O que acontece na sua mente pode acontecer dentro de uma câmera."

Tornaghi

O que leva um fotógrafo a reter uma imagem? São muitos os olhares dos Caçadores da Alma. O horror da guerra, as ditaduras, as migrações, a ironia do dia a dia e a beleza do mundo. O corpo como protagonista de um universo onírico, aqui apresentamos um time de fotógrafos de várias partes do mundo, cada um com suas escolhas diante da imagem.

Martin Parr

Eu acho que a vida contemporânea, a vida em geral é muito divertida, muito surreal, tem muito humor. E meu trabalho é tentar isolar isso. E eu faço isso por meio da fotografia. Eu uso o flash muitas vezes porque ajuda a exagerar essa natureza surreal que pode haver na vida normal. E é isso o que eu faço, eu tento criar fotos divertidas que podem ou não ter mensagens mais profundas, se você quiser achar isso.

Sou um fotógrafo bem britânico, então eu uso ironia, bastante, porque o mundo é triste e engraçado ao mesmo tempo. Então, você pode trazer essa contradição usando ironia com grande efeito. Então é uma ótima linguagem que eu uso.

Eu sou definitivamente um fotógrafo documentarista e eu acredito em documentário subjetivo, que tem uma abordagem muito pessoal. Então, o tema que estou lidando é a minha relação com esse tema. Então, não importa se é turismo ou praia, o que quer que seja, ou uma cidade, é a minha relação com o tema que eu estou tentando ilustrar, de um jeito muito subjetivo. Não acho que podemos acreditar que hoje em dia uma foto nos diga a verdade, porque as fotografias podem ser manipuladas. Então eu estou criando minha própria ficção com a realidade que eu fotografei.

Micha Bruinvels

Como uma criança do começo dos anos 1970, eu cresci com as fotos do Vietnã. E essas fotos viraram ícones. E é realmente importante no mundo contar histórias. Eu me interesso muito por visuais que contam histórias do nosso tempo. Eu acho que a coisa mais importante, no fim das contas, é que o trabalho seja de confiança. Histórias não devem ser inventadas. Canas não devem ser encenadas. Estamos todos fazendo fotos. E todo mundo está entendendo fotografia. Ou entendendo como fazer uma fotografia. As crianças estão crescendo e aprendendo as possibilidades da câmera. Ou elas têm a capacidade de ler visuais. Este é o melhor momento da história para visuais. Não é o melhor momento para fotógrafos, no entanto, mas é o melhor momento da história para a fotografia. E já que todos estão cientes do que está acontecendo, e todos também estão cientes do que se pode fazer com fotografia, eu acho que a coisa mais importante para jornalistas é ser de confiança.

Andres Serrano

Tem um mistério, um grande mistério, e é intencional com o meu trabalho porque eu não necessariamente tenho uma mensagem, sabe ? Eu te mostro o que eu vejo mas eu não necessariamente te digo o que eu penso. Como você se sente sobre Donald Trump ? É uma foto simples, boa e bela do Donald Trump, não é controversa ou ofensiva. Porém, dependendo de quem você é, você pode achá-la ofensiva. Ao contrário, quando eu fotografo alguém, eu tento fazer com que ela pareça bem. Porque de alguma forma, eu me identifico com a pessoa que estou fotografando. Eu sempre tento fotografar pessoas que são interessantes para mim mas que sejam de certa maneira forasteiros.

Eu acho que a beleza do meu trabalho é que as pessoas interpretam do modo delas e usam para seus propósitos pessoais. E algumas vezes ele têm intenções diferentes e contraditórias. Então essa é a ironia do meu trabalho, que as pessoas possam usar ele do modo que elas quiserem e elas enxergarem o que querem nele.

José Julian Martí

Às vezes, por não mostrar toda a imagem, eu obrigo o espectador a descobrir o resto. E isso é muito importante. Por exemplo, eu tenho uma série que é sobre os jogos de rua. Que ajudou muito os jovens e as crianças a socializar. Porque dava a possibilidade de se relacionar. E, bom, eu não a documentava em todo seu espaço, mas sim, eu escolhia pequenos detalhes. Mas quando você a vê, você é capaz de construir o que falta. Então, eu obrigo você a construir e seja partícipe dessa imagem criativa.

Linn Schroeder

Eu queria ser uma fotógrafa desde que tinha 13 anos. E depois da faculdade, eu não sabia como me tornar uma fotógrafa. Então, eu comecei primeiro a estudar ilustração.

Eu acho que as imagens você consegue contar muita coisa. Talvez seja como um texto. Ou como quando você escreve um livro. Talvez seja um pouco a mesma coisa. E eu não sou escritora, mas eu tento construir histórias com fotos. Eu acho que é isso que as fotos conseguem fazer, elas podem te dizer muito, mas de uma forma diferente das palavras. E pode ser profundamente, de verdade, se a imagem for forte.

Arno Rafael Minkkinen

Eu percebi que o que eu estava pensando podia se tornar realidade. Rapidamente eu percebi que o jeito que eu tinha que trabalhar era estando nu, porque eu quero ser

atemporal. Eu não quero ter moda, eu não quero ficar datado. Eu tenho que fazer sozinho, porque frequentemente é desconfortável e à vezes muito perigoso. Às vezes é perigoso para a própria vida. Você não pode pedir para alguém fazer isso por você. Ok, eu tenho que fazer. Tenho que estar nu. E eu não posso ter um assistente olhando pela câmera porque ele estaria colaborando. É bom colaborar. Mas também estaria tirando um pouco da criatividade artística. Porque outros podem falar “Espere! Vamos esperar os pássaros voarem”. Eu tenho que viver com a chance de os pássaros voarem. Talvez ele não voem. E terei que aceitar a foto do jeito que ela saiu. A força do meu trabalho finalmente virá quando tudo tiver sido dito e feito. Da conexão que eu acho que fiz. Não apenas “eu e a natureza”, mas “nós e a natureza”. Porque eu sou preto e branco, sem forma, e frequentemente sem cabeça.

Ira Block

Eu gosto de tirar fotos porque eu aprendo sobre pessoas quando eu tiro fotos. Eu tenho a oportunidade de viajar e ir para outros lugares e conhecer pessoas e aprender sobre a cultura das pessoas. Na fotografia, para mim, existem três elementos principais para conseguir uma boa foto. Número um: você precisa de uma boa luz. Uma boa luz ajuda a sua imagem. Número dois: você precisa de uma boa composição. Você precisa ter camadas na sua foto, linhas na sua foto, coisas na composição que farão a foto ser interessante. E a terceira coisa é o momento. Então isso seria Cartier Bresson. Você precisa de um momento na sua foto. Se você tiver todos esses três elementos, você tem uma boa foto.

Max Pam

Fotografia é essa mídia que, de todas as mídias que estão aí, como filme, texto, pintura, qualquer coisa que mostre a figura humana, arte figurativa, só a fotografia aperta o botão de pausa nesse *continuum* que vivemos. De um milissegundo até o outro, a fotografia pára isso. Então temos a chance de ver e examinar detalhadamente uma pessoas, sem nenhuma distração. E eu acho que nesse sentido você tem uma chance de ler uma foto e formular hipóteses sobre essa pessoa.

Eu nunca me interessei em fazer trabalhos para agências de notícias sobre os países em que estava. Havia coisas acontecendo, como na Síria, antes de tomar a proporção que tomou. Eu estava na Índia quando a última guerra com o Paquistão estava acontecendo. As para mim, a ideia de fotografar uma guerra por exemplo, não poderia ser mais longe da minha filosofia. Eu quero apreciar o mundo.

Christine Spengler

Eu fui para Beirute durante dois anos, em plena guerra, em 1982 e 84, onde fui sequestrada por combatentes terríveis, que deviam me executar na mesma noite. Então, eu realmente estive perto, conscientemente, da morte esse dia. Quando fui liberada, o líder ruso de Beirute disse: “Christine, você tem que imperativamente voltar para Paris amanhã, porque é perigosos demais para você ficar aqui agora”. Então, quando retornei, me refugiei na Provence, onde tirei muitas fotos, e foi lá onde comecei a fazer minhas primeiras fotos oníricas. E me prometi que, para cada foto de luto que tinha tirado na minha vida, eu faria uma foto de beleza. E assim que comecei as primeiras fotomontagens. Estava fazendo, eu me lembro, uma natureza- morta em Madri, e, de repente, escutei na televisão: “os talibãs que entraram em Kabul essa manhã cortaram a mão de uma menina de dez anos na praça

pública, porque ela tinha esmalte nas unhas”. Imediatamente deixei os tecidos coloridos, pulei em cima do telefone e liguei para meu editor na Paris-Match e disse para ele: “sei que é extremamente perigoso, mas você sabe também que, porque eu sou mulher, eu vou poder ocultar, esconder mais facilmente que um homem minha Nikon debaixo da minha burca ou do meu véu”. E foi assim que parti e que consegui atravessar todo o Afeganistão, tanto que a foto das “Madones Afghanes”, eu as tirei na antiga cidade imperial de Herat. E então, como fiz? Ninguém, nenhum homem, nem mesmo os talibãs podem entrar num hospital de mulheres. Então tive a sorte de que a diretora do hospital era espanhola, do Médicos do Mundo, e de que ela precisava de fotos. Então a senhora me disse: “ Você vai pedir emprestado a burca da mulher do seu motorista de taxi e vai entrar despercebida com as 250 mulheres, e você poderá fazer todas as fotos que você quiser”.

Quando eu havia tirado as fotos das “Madones Afghanes”, eu sabia que era um tesouro, que eram as melhores que eu tinha tirado durante esses dias muito difíceis, eu não sabia como escondê-las, onde escondê-las para que os talibãs não as pegassem quando eu fosse subir no helicóptero para ir para o Paquistão. Como eu usava uma faixa de cabelo, como hoje, e uma faixa negra, na guerra, e eu escondia a franja, eu a descosturei durante a noite, costurei dois rolos de um lado, dois do outro e, depois, como coloquei um grande véu por cima, e como os talibãs não tinham o direito de me tocar, eu passei sob seus narizes durante dois dias, e continuei a tirar fotografia, e eu tinha os rolos para Paris- Match costurados na cabeça. E pronto!

Fouad Elkhoury

Em 1991 somos convidados, Gabriele Basilico, somos seis fotógrafos, Raymond Depardon, Renè Burri, Robert Frank, Josef Koudelka e eu, a fazer um registro da cidade de Beirute. O centro de Beirute totalmente vazio, totalmente deserto. Uma cidade onde só há a natureza. Não há mais carros, só há silêncio. Há a água que escorre, há o vento que bate. Todos os prédios estão estripados. Essa foto eu chamei de “o estupro”.

Eu subi em um prédio, e depois essa criança correu pelas escadas e foi embora e apenas virei a câmera e tirei essa foto. Essa era uma ruína que fazia parte de um “souk”. Os “souk” no Líbano são as antigas feiras. Eu tinha realmente a impressão de ser Indiana Jones. É Indiana Jones que procura um tesouro. Meu último projeto se chama “O Império Perdido”. É sobre as bases militares soviéticas abandonadas na Europa Oriental. Na Hungria, na Polônia, na Alemanha Oriental, na Estônia. Em todos esses países há bases militares que os soviéticos haviam construído para seu exército. Mas, no geral, passear no que foi e do que não é mais, me proporciona muito prazer.

A guerra foi um parêntese na minha vida. Não foi algo que eu quis, foi algo que eu sofri. A polêmica sobre tirar fotos de algo que é feio e transformar o feio em algo belo é até mesmo um sacrilégio. Você pode fazer o belo com a morte? É difícil.

Jetmir Idrizi

A guerra acabou em junho de 1999 e infelizmente a primeira coisa, quando eu menciono Kosovo, nas suas mentes vai aparecer a informação sobre a guerra com a Sérvia. E as imagens que as pessoas têm de Kosovo são todas aquelas sobre a guerra.

Documentando diversas histórias em Kosovo: protestos, matérias políticas, esportes e tudo mais, até que chegou um ponto que eu não estava mais interessado em fotografia de notícias e de correr atrás dos lugares onde algo aconteceu. Então eu queria continuar, e começar a desenvolver meu lado visual e mais interessado em visualizar as histórias que eu gostava.

Harald Hauwald

Quando jovem, tive uma formação como fotógrafo profissional. Peguei um empréstimo e comprei minha câmera. Comecei com certa hesitação. Mas em 1978 me mudei para Berlim e trabalhei como mensageiro de telegramas. Naquela época as mensagens ainda eram impressas e entregues em casa. Trabalhava durante umas quatro horas e foi quando comecei de verdade a fotografar. Naquela época a fotografia era para libertar a minha cabeça da pressão que vinha de cima. Às vezes eu procurava fotos onde eu podia agredir o Estado, porque eles rezavam água, mas bebiam vinho. Porque eu queria agir politicamente. Eu queria mostrar ao Estado um espelho que mostrava que as intenções e a realidade estavam distantes.

João Pina

O meu trabalho é em qualquer uma dessas duas vertentes, tem sempre uma visão política da vida. Eu acho que a fotografia sugere muito mais do que conta e isso é o que eu adoro na fotografia. Eu nas minhas imagens o que eu procuro não é dar respostas, é criar perguntas. E o olhar sofrido, o olhar intenso de determinada pessoa é o que está ali por trás e tentar trazer isso para quem olha para as imagens, depois a pessoa que olha para aquela imagem interpreta aquele olhar, interpreta aquela história a sua própria maneira. Isto levanta sentimentos diferentes e, às vezes contraditórios dependendo de onde seja visto. E a minha me interessa jogar com isso, me interessa explorar essa visão.

Há um trabalho que tem uma grande preocupação sobre a memória histórica e a memória dos presos políticos. Neste momento foram duas séries, um é : “Por Teu Livre Pensamento” que é sobre 25 ex presos políticos portugueses, nos quais está a história da minha família. A minha avó passou 6 anos e 7 meses presa e meu avô passou quase 19 anos preso, pelos dois pertenceram ao partido comunista português. Depois de terminar esse trabalho eu já estava muito envolvido com a história (?) da América Latina em relação às ditaduras que deparam com a opressão e com a dor e isso faz com que eu passe nove anos a investigar e a fotografar o que é hoje o meu segundo livro “Condor”.

Marcelo Brodsky

A ditadura militar afetou a vida de todos os argentinos. Alguns mais e outros menos no que diz respeito à sua vida pessoal. A todos porque não teve democracia durante 7 anos, nessa ditadura que foi de 76 a 83. Mas a mim, me afetou perder o meu irmão Fernando que desapareceu em 14 de agosto de 79. Então, afetou muito minha mãe, meu pai, minha vida familiar.

Tem algumas formas de ação com a imagem, como a documentação de situações de violência e de injustiça social, e a participação e o convite aos ativistas sociais a utilizarem a imagem nas suas comunicações. A fotografia está, de alguma maneira, estendendo seu potencial porque todas as pessoas podem documentar o que está acontecendo em torno delas. E nesse sentido, todo mundo tem acesso a uma câmera. e muitas vezes o que está acontecendo é revelado por uma imagem, e essa imagem desempenha um papel político.

Gregoire Korganow

Eu tento não encurralar o meu modelo. Ele está dentro de um dispositivo, um dispositivo que é restritivo, que o contém. Se fosse eu, se eu fosse fotografado, eu aceitaria esse dispositivo ? Eu aceitaria ser fotografado ? Como eu aceitaria ser fotografado ? E essa capacidade de se colocar no lugar do outro, no lugar daquele que é fotografado, é também uma maneira de estabelecer uma relação igualitária. Porque cada um tem uma motivação diferente para a imagem. O fotógrafo tem uma imagem na cabeça, ele tenta alcançar essa fotografia. E o modelo tem uma outra imagem, ele tenta controlar a imagem que é feita de si. E eu tento fazer com que essa tensão seja uma tensão respeitosa, na verdade. Mesmo se, no fim, sou eu quem aperta o botão.

Anne Abitbol

“Eu estou com eles” é um manifesto. Um manifesto fotográfico para os refugiados. Um manifesto é uma tomada de posição pública, geralmente política, e, neste caso, artística, para afirmar algo. E naquele momento, eu pensei que era preciso dizer duas coisas: primeiro, que era preciso fotografá-los de pé, devolver sua dignidade e sua humanidade, e que, devolvendo sua humanidade, encontraríamos uma parte da nossa, que perdemos na maneira com a qual gerenciamos e continuamos a gerenciar esta crise. E também que podíamos desarmar os medos, porque ver uma massa chegar dá medo. Mas quando se olha um a um e quando se escuta suas histórias, seus sonhos, suas possibilidades, se desarmam os medos e os amálgamas. Portanto, é uma ambição dupla: lhes devolver aquilo que eles são, fora do sofrimento, fora do exílio, fora da guerra, eles são mais que isso, e, também, para as pessoas que estão decididas a acolhê-los não terem medo.

Eu acreditei, como todo mundo, que a foto do pequeno Aylan na praia, na Grécia, ia mudar as políticas e as mentalidades. Não foi o caso. Então eu fiz a escolha de não fotografar o sofrimento, o que não significa que o sofrimento não seja real, neste caminho de exílio, a realidade da vida desses refugiados é de imenso sofrimento. Mas eles são antes desse sofrimento e serão após esse sofrimento. Eles são antes da guerra e serão depois dessa guerra. E então, na verdade, quando eu conhecia alguém, eu falava com ele por horas e no final, eu dizia: “Mas vem, vamos tirar uma foto”, que era uma maneira de devolver a ele o que ele é, de tentar devolver a ele o que ele é. E é por isso que na exposição, por exemplo, há muita gente que sorri. E, de fato, eles não estão sorrindo da situação na qual estão, eles sorriem para mim. Porque eu sou, é ridículo que seja eu, mas eu sou o vetor de um encontro.